

AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Sabino de Oliveira Neto ¹
Laura Chagas Camilo ²
Rafaela Natalina Costa Silva ³
Yasmin Maia da Silva ⁴
Cássio Clayton Martins Andrade⁵

INTRODUÇÃO

O autismo, conhecido como Transtorno de Espectro Autista (TEA), apresenta dificuldades significativas para as pessoas que são diagnosticadas, tanto na linguagem, comunicação, como nas relações sociais e isso pode afetar algumas áreas de suas vidas como familiar, escolar, social, dentre outras. Algumas manifestações são percebidas, geralmente, antes dos três anos de idade, quando a criança apresenta alguns desconcertos que acarretam em prejuízos que variam em menor e maior grau vistos através da maneira de se comunicar, comportamentos repetitivos, poucas demonstrações de dor e afeto, frieza emocional, falta de contato visual, etc (Zanon et al., 2014).

Atualmente, a maior reflexão trazida dos familiares de pessoas com TEA está muito além do diagnóstico que é realizado através de um psicólogo, médico neuropediatra ou por um psiquiatra com especialidade em autismo, o qual pode também levar algum tempo para um diagnóstico preciso. Os familiares se preocupam com a forma como essas crianças serão inseridas nas escolas, no ambiente social, a forma de aceitação, que por vezes é vista com estranheza por alguns, a preparação dos profissionais para lidar com a criança acometida pelo

¹ Graduando do Curso de **Psicologia** da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - RN, sabinooliveiran@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de **Psicologia** da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - RN, chagaslaura98@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de **Psicologia** da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - RN, rafaelacostasilva19@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de **Psicologia** da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - RN, yasmiinmaia69@gmail.com;

⁵ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Docente na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP, cassioclayton@gmail.com.



transtorno, as formas de intervenção e como perceber também outras reações muito características que só são identificáveis através da vivência (Alves et al., 2010).

A inclusão contribui para o desenvolvimento mais efetivo dessas crianças com especificidades, como também para os demais estudantes da turma, por oferecer interações em um ambiente diverso e com singularidades (Weizenmann et al., 2020). Desse modo, é preciso que os professores façam parte desse processo inclusivo nas escolas, contribuindo com o conhecimento dentro da equidade.

Este trabalho busca promover maior elucidação sobre a criança com TEA, e as mais diversas maneiras de inclusão que possa ser trabalhada com as famílias e as instituições de ensino. Além disso, este estudo contribuirá oferecendo meios através da psicologia, na busca por subsídios que possam gerar uma participação concreta de profissionais em ações voltadas para a inclusão escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura com a finalidade de responder aos questionamentos e objetivos deste trabalho. Segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa é realizada a partir da utilização de materiais já desenvolvidos, como livros e artigos de cunho científico. Sua principal vantagem consiste no fato de proporcionar ao pesquisador o acesso a uma gama de fenômenos sobre a temática investigada.

Foi realizada ainda uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, para proporcionar ao investigador uma maior aproximação do assunto e melhor desenvolvimento dos resultados encontrados com a descrição das características. Sobre a pesquisa exploratória, Gil (2008, p. 27) destaca que são desenvolvidas com “o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, com a finalidade de elucidar, desenvolver e modificar ideias e conceitos.

Quanto à pesquisa descritiva, Gil (2008) aborda como aquela que “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 28). Ademais, considerando os objetivos do estudo, este foi desenvolvido com métodos da abordagem de pesquisa qualitativa, por desenvolver a compreensão do fenômeno. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) tal abordagem “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”.

Como mencionado, foram utilizados materiais científicos para o desenvolvimento da pesquisa nesse sentido, a busca dos artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS-Psi). Também foram desenvolvidas buscas no Google Acadêmico, um mecanismo virtual de pesquisa de literatura acadêmica.

Desse modo, para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes descritores: “autismo e inclusão”, “autismo e professor”, “autismo e escola”, e “educação inclusiva”. A busca foi determinada com os critérios de inclusão: ano de publicação dos artigos, do período de 2018 a 2022; estarem disponíveis gratuitamente e na íntegra; serem da língua portuguesa; e descreva o TEA na escola pública.

Com relação à análise dos dados, ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo. Conforme Caregnato e Mutti (2006), esse método de análise visa a obter resultados que possam inferir a partir do trabalho com o conteúdo, desse modo, busca por meio da interpretação, a compreensão, assim como dá sentido ao fenômeno estudado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno do espectro autista (TEA) e suas características

O termo autismo foi descrito inicialmente em 1943, por Leo Kanner, um psiquiatra pioneiro nos estudos dessa temática, utilizando o termo para caracterizar as crianças com

prejuízos na comunicação, linguagem, comportamento e relações sociais (Lemos et al., 2016). Após Kanner, outros estudiosos apontaram diferentes hipóteses teóricas acerca das características do autismo e suas consequências à vida do sujeito (Ponce & Abrão, 2019).

Segundo Gaia (2014), o autismo se desenvolve geralmente nos dois primeiros anos de vida da criança, sendo mais comum em meninos. Couto et al. (2018) apontam que em alguns casos, os sinais são identificados precocemente (atraso na fala, maior interesse por objetos, falta de contato visual), ainda nos meses de vida.

Autismo e educação no ensino infantil

O modelo de ensino para crianças com necessidades educacionais específicas tem buscado nas últimas décadas, mudanças que promovam a educação inclusiva, com ações que incluam os alunos que antes eram separados dos alunos “típicos”, um ensino que segregava os sujeitos considerados deficientes e incapazes. Assim, foi somente após a década de 1990, com a Declaração de Salamanca, que os alunos com necessidades educacionais específicas ganharam seu espaço nas escolas regulares (Siqueira & Toledo, 2020).

Inclusão de crianças com autismo na educação infantil

Weizenmann et al. (2020) destacam que a inclusão está diretamente relacionada à promoção e garantia dos direitos humanos. Desse modo, “o ato de incluir um aluno com deficiência em uma escola regular não pode ser visto como um mero ato obrigatório, mas sim como uma prática apoiada em um paradigma educacional voltado à defesa da diversidade e dos direitos humanos”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados seis estudos para compor os resultados do presente trabalho. Após a presente estrutura de apresentação dos materiais selecionados, buscou-se desenvolver a análise e discussão do conteúdo nas categorias abaixo. Dessa forma, a segunda e terceira categoria apresentam os dados da pesquisa bibliográfica, destacando os principais resultados

encontrados pelos autores, bem como a discussão da análise, se referenciando também em outros autores que possibilitam discutir os achados da pesquisa.

Os desafios e possibilidades de inclusão de crianças com TEA na educação infantil em escolas públicas, onde será abordado sobre os principais desafios e possibilidades de inclusão de crianças com TEA no ensino infantil em escolas públicas, considerando que práticas inclusivas podem reduzir os prejuízos relacionados à aprendizagem dos estudantes com TEA.

As principais dificuldades estão relacionadas à falta de suporte necessário para a inclusão da criança com TEA (Couto et al., 2018). As práticas pedagógicas e recursos disponíveis na educação infantil de escolas públicas para crianças com TEA, os estudos de Faria et al. (2018), artigo 2, obteve resultados significativos sobre a temática a partir de uma pesquisa com professores da educação básica de uma rede pública. Os autores identificaram o baixo uso de práticas pedagógicas e educacionais essenciais para a inclusão, aprendizagem e funcionamento adaptativo do estudante necessidades específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou conduzir o leitor através de uma revisão sistemática, sobre as perspectivas do processo de inclusão no ensino, especificamente em crianças com Autismo na educação infantil de escolas da rede pública de ensino. No decorrer das discussões é possível entender um pouco sobre as várias nuances que perpassam esse processo, bem como a sua carência de mais assiduidade e implementação verídica.

Observou-se a necessidade de reciclagem dos profissionais atuantes na educação, falta de recursos para uma melhor efetividade na execução de atividades que projetem essa inclusão e conscientização das instituições sobre como conduzir e entender a fluidez desse processo inclusivo.

Desse modo, é possível destacar que ainda existem inúmeras barreiras a serem ressignificadas e vencidas, para que a inclusão de fato possa ocorrer no espaço escolar. Sendo

possível promover essa inclusão, a partir de ações que foquem nos desafios e demandas que ainda precisam ser colocadas em prática.

Palavras-chave: TEA; Inclusão, Alunos com TEA, Educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. M. C., Lisboa, D. O., & Lisboa, D. O. (2010). Autismo e inclusão escolar. *IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Laranjeiras-SE, ISSN 1982-3657. http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf
- Couto, M. B., Costa, T. S. B., & Dornelas, C. C. (2018). A inclusão de crianças com transtorno do espectro do autismo: desafios entre o ideal e a realidade. *Unitoledo*, 1(1), 1-19. <https://servicos.unitoledo.br/repositorio/handle/7574/1891>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(4), 679-684. <https://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>
- Faria, K. T., Teixeira, M. C. T. V., Carreiro, L. R. R., Amoroso, V., & de Paula, C. S. (2018). Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com autismo. *Revista Educação Especial*, 31(61), 339-352. <https://doi.org/10.5902/1984686X28701>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.). Atlas.
- Gerhardt, T. E., Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Lemos, E. L. M. D., Salomão, N. M. R., Aquino, F. S. B., & Agripino-Ramos, C. S. (2016). Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(3), 351-361. <https://www.scielo.br/j/fractal/a/qc5nWBRr7JCCmHTNb3XQShv/abstract/?lang=pt>
- Ponce, J. O., & Abrão, J. L. F. (2019). Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. *Estilos da Clínica*, 24(2), 342-357. <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/155742>
- Siqueira Wendi, W. G., & Toledo, C. (2020). Percepção dos pais de crianças com TEA sobre o processo de inclusão em escolas regulares. *Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar*, 5(1), 50-63. <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/590>
- Weizenmann, L. S., Pezzi, F. A. S., & Zanon, R. B. (2020). Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24(1), 1-8. <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?lang=pt&format=pdf>
- Zanon, R. B., Backes, B., & Bosa, C. A. (2014). Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 30(1), 25-33